

Design Gráfico Na Produção De Embalagem Para CD Do Mestre De Banguê Ecológico Engole Cobra, Vital Batista¹

Rafael De Souza BAIA²
Stephanie Christie Dias FERNANDES³
Bruna Maria de Santana SOUSA⁴
Felipe Alexandre Costa de MENDONÇA⁵
Viviane Menna BARRETO⁶
Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

Conceitos e características da Comunicação Visual e do Design Gráfico serão explanados neste artigo, dando enfoque ao processo de produção visual da capa do cd do Mestre Vital Batista, oferecendo todo contexto visual e cultural na escolha dos signos utilizados na capa do disco com base dos estudos da semiótica.

PALAVRAS-CHAVE: Design Gráfico, Ribeirinho, Engole Cobra, Amazônia.

1 INTRODUÇÃO

Todo impresso é um signo. Seus componentes visuais como: imagens, desenhos, design e tudo o que possa ser visualizado, é pensado como comunicação visual. Embora possa ter o mesmo sentido que design visual, o termo comunicação visual é tão abrangente que não impõe a necessidade de se limitar a uma área de estudo ou atuação. Neste artigo faremos uma análise dos elementos gráficos, utilizados para criação da capa do Cd Engole Cobra, de Vital Batista, cantador caboclo de Juaba subdistrito de Cametá que inclui em suas letras discursos ecológicos que denunciam a corrupção.

A civilização cabocla nasceu no século XVI na Amazônia como um modo de vida primitivo que foi se construindo em resposta as necessidades da vida da floresta. Seu modo de vida essencialmente indígena enquanto adaptação ecológico-cultural contrasta flagrantemente com o estilo tribal. Enquanto nas comunidades indígenas a vida é voltada para a satisfação das necessidades existenciais, e portanto manutenção de sua cultura e farta produção de alimentos,

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria de Produção Transdisciplinar, modalidade Design Gráfico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 2º. Semestre do Curso Jornalismo da Estácio FAP, email: rafaelsbaia@gmail.com.

³ Estudante do 2º. Semestre do Curso Jornalismo da Estácio FAP, email: stephaniechristie87@gmail.com.

⁴ Estudante do 2º. Semestre do Curso Jornalismo da Estácio FAP, email: bruna-mss8@hotmail.com.

⁵ Estudante do 2º. Semestre do Curso Jornalismo da Estácio FAP, email: felipemenda22@gmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Jornalismo da Estácio FAP, email: vivimenna@uol.com.br

entre os neo-brasileiros as tarefas produtivas tinham caráter mercantil e não de subsistência garantindo-lhes apenas o suficiente pra não morrer de fome. (RIBEIRO, 1995, p. 316).

O município de Cametá fica situado a 167 km de Belém (em linha reta) na região do Baixo Tocantins. Lá, a cerca de uma hora e meia da cidade, fica o subdistrito de Juaba que surpreende pela riqueza cultural: Banguê, Bambaê do Rosário⁹, Samba de Cacete⁷, Carnaval de Mascarados, Bicharada e o grupo Engole Cobra, impõe singularidade a um local composto por muitas ilhas furos, igarapés, trapiches. Há um encontro entre natureza e cultura. Especificamente em Juaba há um grande número de intervenções ativas — expressas através do discurso e da representação que podem tanto transmitem o passado quanto tentam mudar a história. Pensar na cultura em diálogo com a vida ribeirinha faz parte de nosso desafio, nisso reside o encanto da produção do Mestre Vital Batista e o Engole Cobra que com apelo ecológico e letras críticas faz uma crônica da contemporaneidade e da situação social de abandono que vive a Amazônia. O grupo foi fundado em 1989 pelo cantor e compositor Alchimidiades Vital Batista com a missão de defender a natureza e a sociedade. Os músicos se apresentavam com o rosto pintado ou máscaras e com maquiagem psicodélico inspirados nos caras pintadas da década de 90.

2 OBJETIVO

O objetivo deste artigo é propor capa para CD produzido mediante estudos dos signos da cultura ribeirinha. Pensar no repertório do público do mestre Vital, nas características ideológicas e no estilo musical do mestre faz parte das nossas preocupações para que ocorra a produção de sentido.

3 JUSTIFICATIVA

Este projeto se faz necessário quando observamos atualmente a necessidade que alguns segmentos culturais, principalmente manifestações da cultura popular de assessoria de comunicação. Os grupos não desenvolvem de forma eficaz a comunicação visual o que de alguma forma desqualifica trabalho e acaba repercutindo nos resultados da venda ou de alcance de um determinado produto.

⁹ Bambaê do rosário dança ritual nas comunidades remanescentes de quilombos onde acontece a coroação do rei e da rainha do Congo

⁷ Samba de cacete: variação coreográfica do mineiro- pau, dança dos paliteiros, comum em Portugal onde dançarinos simulam luta de cacete. Surgiu em Cametá na década de 50

A importância de se criar para grupos de cultura popular reside em levar a cabo a função social da comunicação e desta forma poder contribuir para a difusão da cultura que esta as bordas da sociedade e excluída da cultura midiática colaborando para valorização dos mestres.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Utilizamos a abordagem qualitativa por meio das técnicas de pesquisa documental onde construímos nosso referencial imagético sobre três ensaios fotográficos realizados pelos fotógrafos Luan Rodrigues, Chris Braga e Roberta Brandão que fotografaram respectivamente o cotidiano do mestre durante entrevistas realizadas para a construção de audiovisual, fotos referentes a última apresentação do mestre no festival cultural de Juaba realizado em julho de 2013 e fotos de objetos da cultura material pertencentes à indumentária do Engole Cobra, sejam instrumentos musicais, roupas, além de elementos que compõem a visualidade amazônica expressos nas fotos da residência do mestre na beira do rio Tocantins. Tivemos acesso a um DVD do mestre denominado Cavaleiro do Além com apresentações filmadas em sua casa e, além disso, utilizamos as técnicas de pesquisa bibliográfica por meio de acesso a pesquisas em revistas, textos de TCC e mestrado sobre o mestre desenvolvido na Estácio FAP, PUC SP e UEPA.

4.1 Cultura

É impossível deixar de falar de cultura, pois o mestre Vital Batista e o grupo de banguê ecológico Engole Cobra a evidência em todos os sentidos para as populações Ribeirinhas, principalmente, para as comunidades em volta do Rio Tocantins, mais especificamente em Cametá localizada no Nordeste do estado do Pará, levando praticamente de porta em porta a riqueza da cultura Ribeirinha, cametaense e paraense, colaborando para construção de uma identidade cultural. São diversos os conceitos de cultura, elaborados pelos antropólogos e que surgiram no final do século passado. Até hoje não chegaram a um consenso sobre o que é de fato. Para uma parte dos antropólogos, é um comportamento adquirido; para outra, não diz respeito a comportamento e sim a abstração do comportamento; e para outra parte, a cultura está lotada em ideias. A cultura engloba

modos comuns, aprendidos no decorrer da vida, transmitidos pelos indivíduos ou grupos de uma sociedade.

4.2 Identidade Cultural, Elementos E Diversidade Cultural

Todo indivíduo de uma sociedade, possui uma identidade cultural, que são traços, e costumes passados de geração em geração. O diálogo sobre identidade cultural acaba sendo influenciado por várias questões referentes à: Lugares, gêneros, raças, histórias, nacionalidade, idiomas, orientação sexual, crenças religiosas e etnias. Na percepção de um indivíduo ou de um grupo de indivíduo, a cultura exerce o papel de distinguir as diversas personalidades, a conduta, e as características próprias de cada ser humano. Segundo Stuart Hall (1999) “Uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados a nossas culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais.”

A comunicação manifesta-se de várias formas dentro da sociedade, seja com um olhar, um gesto, símbolos, sinais sonoros, pela escrita e etc. Numa sociedade, desempenhamos determinadas funções enquanto pertencemos a mesma, munidos de identidade cultural, esta pode ser expressa numa simples exposição de um desejo, uma opinião, numa troca de informações, aprimorando nossos conhecimentos retratando sentimentos, enfim, tendo uma participação efetiva num coletivo. Para que este diálogo se efetive de maneira plausível, alguns elementos são preponderantes. O emissor, receptor, a mensagem, o código, o canal e o contexto tende estarem todos interligados para que haja o entendimento correto. A diversidade cultural é outro fator que se associa a esta questão e esta consiste na diferença culturais presentes no cotidiano do ser humano. São vários tipos que classificam a diversidade, como: danças, vestuário, linguagem, religião, entre outras.

4.3 A Cultura Cabocla Dos Povos Ribeirinhos

Quando Darcy Ribeiro fala de cultura cabocla em O POVO BRASILEIRO (1995), podemos afirmar que se trata de uma herança deixada pelo patrimônio colonial português, e pela emigração de nordestinos que vieram para a Amazônia, conduzidos por uma expectativa de ascensão, através da exploração das seringueiras férteis que por aqui existiam e ainda existem. Com a criação de novas técnicas de extração internacionais e o surgimento da borracha sintética, os nordestinos não tiveram outra escolha a não ser, voltar para as suas terras de origem, porém alguns ficaram e deram surgimento as populações que

hoje, conhecemos como Ribeirinhos. E a questão do ir e vir do nordestino serviu, sem dúvida nenhuma, para uma integração territorial, cultural e humana, graças às comunicações feitas pelos rios que vão do centro-oeste do Brasil, até o norte, como também, as rodovias abertas em meio às florestas, feitas para ligar a Amazônia ao restante do país.

Toda essa aérea, era originalmente ocupada por tribos indígenas, que já tinham uma espécie de “especialização sobre a floresta tropical”, pois a maioria dessas tribos dominava todas as técnicas em relação à lavoura e a caça praticada pelos Tupis do litoral atlântico, que foi a tribo que os portugueses se deparam no momento do descobrimento. Existe uma variante, em meio a essa cultura, que é chamada de primitivismo, que se trata de uma adequação não substancial, essencialmente indígena, conservada e transmitida através dos séculos. Isso reflete na maneira que os Ribeirinhos vivem hoje em dia, como por exemplo, na sua principal atividade; Caça, pesca e agricultura; o modo hospitaleiro de agir, de se vestir, de levar a vida de um modo geral.

4.4 A Visualidade Amazônica

Segundo Paes Loureiro(1995) a visualidade amazônica contém como elementos de suas formalidades a Estéticos e a Simetria. Esta formalidade, muitas vezes traduz uma delimitação entre os campos geométricos simplificados, como por exemplo: os objetos fabricados de forma artesanal pelo caboclo. Toda essa forma geométrica tem uma harmonia de cores, muitas vezes tensionadas, que por sua vez, se encontram em fachadas de residências, comércios, barcos e até mesmo no vestuário, como é o caso do mestre Vital Batista, fundador e líder do grupo de banguê ecológico, Engole Cobra, que além de suas músicas, que falam dos mais variados temas, faz sucesso também pela sua vestimenta em aparições públicas.

Paes Loureiro (1995) afirma que toda esta estética e simetria, soa como uma reelaboração em cima da natureza das coisas, tendo como suporte as suas próprias cores básicas. Isso, feito pelo homem, nos faz imaginar que, por ele estar diante de uma completa exuberância tropical, quer fazer valer a diferença, buscando a redução ao essencial, que apesar de parecer uma simples construção de adorno, chegando a parecer até mesmo fantasia, está bem longe disso. Trata-se, de uma formação para um momento de solenidade visual, e isso ocorre sem perder a simplicidade expressiva, o qual o próprio homem rivaliza

com um luxo visual, ostentado pela natureza. Em meio a esse show de formas e cores, está o caboclo, que contempla toda a paisagem Amazônica, composta de rios, florestas e devaneio. Esse devaneio estabelece um contorno estatizante e poetizado da visualidade. É aí que entra a ideologia do caboclo amazônico em relação à paisagem mágica da Amazônia, que é nada mais do que aquilo que enxerga, como o verde das florestas, que de repente se encontra de frente com as frutas multicoloridas, rodeadas pelos pássaros com a perfeição de todas as cores envolvidas em suas penas, sem falar nos rios e os peixes com suas escamas radiantes. Os rios da Amazônia e sua forma labiríntica, é fator dominante na estrutura humana, pois dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, e junto com tudo isso, a existência dos signos culturais, constantes nesse conjunto.

4.5. Signos Presentes a Vida Ribeirinha

A partir de pesquisas realizadas sobre os signos que retratam os povos ribeirinhos, destacamos os signos que caracterizam a cultura ribeirinha. Sendo signo uma linguagem, ele intenta representar, pelo menos em parte, um objeto e que só pode funcionar como signo se ele carregar um significado, o poder de representar, substituir outra coisa diferente dele. As referências adotadas na representação da capa do cd produzem sentido nos contextos específicos de suas transmissões. A comunicação mediada pela fotografia e pelas cores colabora com a produção de sentido e a própria semiótica, fazendo com que se reconheça na embalagem o universo do Engole Cobra. Pensar semioticamente na criação da embalagem é pensar que as mensagens não apenas tem sentido, mas são sentidas. Produzir sentido não é transmitir algo já dado, mas construir uma dimensão sensível em ato de troca.

Por tudo isso, escolhemos representar o rio única via entre a cidade e as comunidades ribeirinhas. Segundo Laércio Gomes Rodrigues (2011), o rio interliga os mais diferentes e longínquos povoados. E os barcos; com várias tipologias e cores, o barco é um elemento de forte na visualidade da Amazônia. Os barcos tornam-se verdadeiros centros de convivência culturais flutuantes que servem de espaço denso de trocas simbólicas durante as viagens diárias; instrumentos de ligação entre as cidades e as comunidades isoladas.

Ainda segundo o autor (RODRIGUES 2011), nessas regiões repletas de rios, os barcos são utilizados das mais diferentes maneiras, como de sobrevivência, de transporte e

de lazer: é o barco-casa, o barco-alcova, o barco-altar, o barco armazém, etc. A afeição pela estética das mais variadas embarcações revelam o valor que a cultura material e os modos de vida amazônicos têm. Os barcos caracterizam-se como signos-objetos que boiam nos rios rearranjando a paisagem imprimindo a marca da criatividade do homem na paisagem. As embarcações são indispensáveis para a manutenção das comunidades ribeirinhas, nessa região mapeada de rios.

As palafitas; Moradia comum dos ribeirinhos da Amazônia é própria para uma região regida por épocas secas e cheia. As palafitas são casas muito simples feitas de madeira e erguidas à beira dos rios e igarapés sobre estacas. As casas dos ribeirinhos têm coberturas de palha ou telhas metálicas. Na maioria delas não há energia elétrica e nem saneamento básico. Em geral, as pessoas dormem em redes. Mas as palafitas, além de moradia, servem também de postos de combustíveis, escolas e pequenos mercados que servem às populações locais. A canoa; É o signo que melhor representa o ribeirinho, pois é através dela que é realizada a pesca que, na maioria das vezes, é de subsistência. Na Amazônia existe canoas tradicional confeccionada artesanalmente pelos ribeirinhos, e que dominam essa habilidade com o objetivo de suprir suas necessidades cotidianas. Pelo fato da canoa ser um símbolo muito forte na vida do ribeirinho, decidimos colocá-la em destaque dentro do encarte do cd para evidenciar o quão importante esse meio de transporte é para as famílias ribeirinhas.

O rio para o ribeirinho é, praticamente, tudo, pois nele é feita a pesca, o deslocamento e é por morarem à margem do mesmo que são denominados ribeirinhos. Por sua forte influência, escolhemos uma fotografia que, além de apresentar o mestre Vital I, também evidencia o rio, que é a fonte de tudo, para a embalagem do cd.

8. MESTRE VITAL BATISTA

Vital Batista, ribeirinho, mora em frente ao rio Tocantins em uma praia deserta. Ele é compositor, lutchier, idealizador do grupo de Banguê Ecológico Engole Cobra. Famoso na cidade de Cametá, região do rio Tocantins, situada à 167 km de Belém, longe de todo e qualquer agito da vida urbana. Alchímedes Vital Batista, Vital I como gosta de ser chamado, criador do Engole Cobra, tem uma visão bem mais ampla sobre suas obras e sobre sua forte influência dos “caras pintadas”, decidiu criar músicas com o intuito de criticar a política nacional, a realidade local. Criou o Engole Cobra, para defender os interesses do povo e da natureza. Vital I com sua mente ampla de mundo e sua máquina de

escrever antiga vivem a escrever seus versos. Com seu violão de quatro cordas, fabricado por ele mesmo, vantagens de ser um *luthier*, forma o ritmo banguê ecológico. Com um acervo vasto de obras, sua maneira de criticar toma forma em trechos, como: “Cabeça de pau, vê se te orienta, a mãe natureza assim não aguenta”. Fazendo com que o ouvinte tenha em consciência, o meio ambiente. Por ser autêntico e irreverente ao extremo, Vital também brinca em suas músicas, *EU SOU O CARA*, faixa em que relata exatamente toda essa ousadia. Sua maneira de criticar também o poder público, em citar o mensalão, também faz parte dessa festa. O mestre Vital é conhecido por sua ousadia em meio a músicas e também pelos trajes escolhidos para se apresentar, sempre optando por máscaras e uns figurinos cheios de cores vivas, e com um estilo diferenciado. Prova óbvia disso, foi a vestimenta usada por ele presente na capa do CD, proposta neste artigo.

9. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO DE PRODUÇÃO GRÁFICA

Com base na pesquisa realizada sobre os signos que envolvem a cultura ribeirinha, retiramos pontos e aspectos chave para produzir o nosso produto; O Design da embalagem para o CD do mestre Vital 1. O ponto chave dessa produção foi deixar em evidência o ar brega do vinil, utilizando a face do artista na sua capa.

9.1 Fotografia

As fotografias utilizadas no material, feita pela fotografa Roberta Brandão, foi produzida a partir de uma expedição fotográfica realizada em parceria da Casa fora do Eixo¹⁰ e Faculdade Estacio – Fap, as margens do rio Tocantins, aonde são realizadas o Carnaval das Aguas; Tradição centenária, feita por blocos carnavalescos com intuito de levar alegria pelos rios da Amazônia. Buscamos selecionar fotografia claras, que exaltasse a expressão de alegria do Mestre Vital 1 com o trabalho que ele produz, nelas estão a sua forma despojada e alegre de se vestir e seu instrumento, uma viola. A edição de imagem das fotografias utilizadas foi um ponto aonde nos focamos em deixa-la realçando os traços do mestre, sem fazer nenhuma modificação em suas linhas de expressões.

9.2 Tipografia e cores

Na pesquisa da fonte, fizemos a escolha da fonte Ukiran, pois visualizamos nela a alegria em seu formato de escrita, casando propositalmente com ao que o Mestre Vital expõe no seu visual.

As cores utilizadas foram o amarelo utilizado na tipografia, foi selecionado para demonstrar a ousadia que o Mestre Vital possui, transparecendo a alegria presente em suas vestes. Escolhemos o preto com o objetivo de destacar ainda mais as cores amarela e verde, e dando o ar sofisticado, pois é base para que as cores saltem a arte gráfica. O verde, que também esta presente nas vestes do Mestre, colocamos na tipografia, para representar a Amazônia e os ribeirinhos.

9.3 Modelo de Capa

Nosso modelo de capa é econômico, pois utilizamos o papel, e nele está presente um corte especial na bolsa do Label. No mesmo local aonde tem este corte, foi colocado uma figura representativa do povo ribeirinho.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos chegou-se a conclusão do projeto da confecção da capa do CD do Mestre Vital Batista a fim de chegar a um produto atrativo, sofisticado e paralelo a isso, acessível economicamente tanto para produção, quanto para o consumidor final. Temos absoluta certeza que a identidade visual de uma empresa e/ou pessoa tem importância significativa no mercado em que ela esta inserida, sendo assim, um design gráfico de um produto bem elaborado ou pensado, transparece a imagem do que é o artista, apenas por visualizar o produto e em como alguns signos foram inseridos nele.

A ferramenta utilizada, de maior importância neste produto que elaboramos, foi às fotografias escolhidas para estar na embalagem do CD do Mestre, elas motivam o interesse de seus fãs, pelo mesmo ter sido exposto da forma que ele se apresenta, sem tirar os traços culturais marcantes que ele possui. Estes traços marcantes da cultura sendo inclusos dessa maneira, nos dá completo entendimento que de difundirá culturalmente. Pois a difusão cultural implica nisso, no movimento de transferência de traços característicos culturais e as ideias de uma sociedade.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cultura brasileira - **ANTROPOLOGIA** - Uma introdução 7ª Edição/2008 - Marina de Andrade Marconi/Zelia Maria Neves Presotto - 2 cultura, 21.

BARRETO, V. **Mapa Pictográfico da Cultura Ribeirinha**: tradições e mídias. São Paulo. Dissertação de mestrado defendida no curso de Comunicação e Semiótica da PUC SP : 2005

_____. **Carnaval das águas**: a voz do imaginário caboclo. Reportagem. Site Overmundo. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/carnaval-das-aguas-a-voz-do-imaginario-caboclo> Acesso em 9 de fevereiro de 2014.

LOUREIRO, J. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 1995. Cia das Letras São Paulo

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos)

SALVADOR, **Marieza Rosso**. Artesanato x design: a busca da identidade. 2012. Fala sobre cultura popular, design in <http://200.18.15.27/bitstream/handle/1/404/Marieza%20Rosso%20Salvador.pdf?sequence=1> acessado em 23 de março de 2014

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos).